

## **GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DA NOTÍCIA (IN)DESEJADA À ESTRUTURAÇÃO DO CONTEXTO FAMILIAR**

Jhonathan Moreira Germano<sup>1</sup>, Maria Isabel Pires<sup>1</sup>, Natany de Souza Araujo<sup>1</sup>, Pablo Cesar Teixeira<sup>1</sup>, Tamiris Guaitolini<sup>1</sup>, Thais de Castilho<sup>1</sup>, Valesca dos Reis Defante<sup>1</sup>, Warlan Renata de Sousa Lucas<sup>1</sup>, Raphael do Amaral Vaz<sup>2</sup>

1. Acadêmicos de Psicologia da Faculdade Brasileira – MULTIVIX.

2. Docente de Psicologia da Faculdade Brasileira – MULTIVIX.

### **RESUMO**

O presente trabalho objetivou apreender percepções, crenças e atitudes sobre o tema gravidez na adolescência a partir das concepções de graduandos em Psicologia. Foram convidados 50 estudantes a participarem de um grupo focal, no qual eles falariam sobre questões relacionadas ao tema proposto abertamente. Os resultados revelam significados diversos sobre o tema, mas apesar de possuírem um olhar ampliado, indicam caminhos em rever o conceito de gravidez na adolescência, sob a perspectiva junguiana, a partir do complexo materno não somente como uma experiência negativa, mas como um novo modelo de vida, ou seja, no aspecto positivo, ambas vivências do mesmo complexo inicia desde a infância com a mãe e perdura até a fase adulta por meio das projeções nos relacionamentos conflituosos ou não, no qual estudantes tem papel primordial nas mudanças de paradigma e no sentindo de ressignificação da conduta do psicólogo neste contexto.

**Palavras-chave:** Gravidez. Adolescência. Psicologia. Junguiana.

### **ABSTRACT**

This study aimed at understanding perceptions, beliefs and attitudes on the subject teenage pregnancy from graduates concepts in psychology. They were asked 50 students to participate in a focus group, in which they would talk about issues related to the proposed topic openly. The results reveal different meanings on the subject, but despite having an expanded look, indicate ways to review the concept of teenage pregnancy, in the Jungian perspective, from the mother-complex not only as a negative experience, but as a new model life, that is on the positive side, both experiences the same complex starts from childhood with his mother and lasts until adulthood through projections in conflictual relationships or not, in which students have key role in paradigm shifts and feeling of reframing the conduct of the psychologist in this context.

**Keywords:** Pregnancy. Adolescence. Psychology. Jungian.

### **INTRODUÇÃO**

A percepção que existe uma etapa do desenvolvimento humano, a qual se convencionou chamar de adolescência, decorre de uma construção histórica e social que se consolida no século XX. Ariés (1978) observou que na idade média não havia uma concepção clara de infância e tão pouco de uma fase correspondente à adolescência.

O conceito de adolescência só foi criado pela cultura ocidental no final do século XIX, motivado pela ética individualista romântica. A construção social da adolescência na família moderna é fruto de uma série de transformações socioeconômicas que a civilização ocidental sofreu ao longo dos séculos XVIII e XIX, que marcaram a chegada do ideal individualista. O romantismo e a modernidade ajudaram a disseminar o individualismo e propiciaram o surgimento do entendimento atual da adolescência, no sentido de que cada sujeito é livre para construir uma trajetória singular. Assim, já no século XX, a adolescência passou a ocupar um lugar cada vez mais importante no imaginário social.

No século XX e início do século XXI presenciamos um aumento de agravos sociais, em especial nos jovens, desencadeados por violência, uso de drogas lícitas e ilícitas, entre outros. Assim, um grupo etário de pessoas jovens, as quais, vivendo em período de mudanças intensas, de natureza biofisiológica, psíquica e social, cognominando a chamada fase de adolescência. A organização mundial de saúde (WHO, 2006) considera adolescentes os indivíduos na faixa etária dos 10 aos 20 anos, já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECRIAD) considera adolescentes os indivíduos de 12 aos 18 anos.

Do ponto de vista psicológico, a adolescência “corresponde ao período que se estende da terceira infância até a idade adulta, marcado por intensos processos conflituosos e persistentes e por esforços de autoafirmação. Corresponde à absorção dos valores sociais e à elaboração de projetos que impliquem plena integração” (FERREIRA, 1975, p.11).

Outra perspectiva psicológica que também colabora ao estudar sobre a influência do inconsciente na educação individual, sobretudo na infância vem a ser a psicologia analítica, em que Jung (2006, § 253-260) afirma três tipos de educação: *educação pelo exemplo*; *educação coletiva consciente* e, por último, *educação individual*. Em relação à primeira, o autor se refere que a educação ocorre de modo inconsciente e espontâneo por meio do exemplo, pois acredita que a criança ao se identificar com seus pais, no âmbito psicológico, ela poderá repetir comportamentos emocionais que estejam fundamentos em uma identidade psíquica. Ao segundo, Jung deixa claro que ele não entende a educação coletiva como uma educação em grupos, mas aquela que fundamenta em regras, princípios e métodos. O autor afirma que o indivíduo é formado a partir desses três pontos, quando a índole individual do adolescente cede à natureza coletiva da atuação educacional. Na medida em que surgem outros com um tipo semelhante ao anterior, originar-se-á a uniformidade associada ao método aplicado. No entanto, ao terceiro, Jung advoga que as regras, princípios e métodos coletivos ficarão como segundo plano na educação das crianças, pois o que será valorizado vem a ser uma índole específica do indivíduo. Logo, este terceiro tipo se opõe ao objetivo da educação coletiva: todos terão o mesmo nível e a uniformidade.

A partir desse pensamento de Carl Gustav Jung, notamos que a sociedade vivencia em um relacionamento que tenta impor constantemente princípios e regras que se tornam grandes conflitos para muitas famílias. Cada família vem desenvolvendo seus próprios princípios cada vez mais sólidos com regras construídas pela própria família, conforme o autor supracitado afirmou anteriormente com o conceito da educação individual. Entretanto, muitos jovens enfrentam situações angustiantes na sua história de vida por conta dessa *educação individual* bem como da *educação exemplo* que são desenvolvidas na estrutura familiar podendo ser saudável ou não quando são confrontadas com uma *educação coletiva*, ou seja, com os princípios, regras e métodos da sua sociedade. A partir desses momentos de grande conflito que o adolescente começa a enfrentar nessa sua nova etapa da vida, o confronto entre a educação que ele adquiriu pelo exemplo dos pais e embasada em uma educação individual com a educação coletiva que, por sua vez, está sempre vulnerável às alterações de regras e princípios estabelecidos socialmente.

Dentre esses processos conflituosos que podem se apresentar a gravidez e a maternidade na adolescência rompem com uma trajetória tida como natural e emergem socialmente como problema e risco a serem evitados. A gravidez na adolescência vem adquirindo proporções significativas. Estima-se que de 20 a 25% do total de gestantes no Brasil sejam

adolescentes, ou seja, em média, há uma adolescente entre cada cinco mulheres grávidas. No Brasil, quase 18% das adolescentes do estrato de renda mais baixa são mães, enquanto no estrato de renda acima de cinco salários mínimos essa proporção não chega a 1%. Dessa forma, a importância do meio social na determinação do papel feminino nos ajuda a compreender o papel da mulher na sociedade, papel que é transmitido às adolescentes, influenciando as suas escolhas e os seus projetos de vida.

A saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes é motivo de constante preocupação para pais, educadores, profissionais de saúde e governantes, uma vez que suas consequências são de alto impacto individual e social. Um dos aspectos agravantes dessa questão é que a gravidez na adolescência é mais frequente nos estratos de renda mais baixa e, para muitas jovens, engravidar poderia ser considerado como uma escolha de inserção social. É notável, ainda, a relação existente entre gravidez e abandono escolar, pois se estima que 57,8% das meninas brasileiras com filhos não estudam nem trabalham.

Desejada por alguns, inesperada por outros, a gravidez é um processo que envolve muitas transformações na vida da mulher, ainda mais quando está na fase da adolescência. Desde o momento da descoberta da gestação até os últimos dias da mesma, a mãe particularmente é acometida das mais diversas experiências e mudanças: oscilação de humor, mudança de papéis, medos, angústias, dúvidas, fantasias, incertezas.

Do ponto de vista junguiano, Gallbach (1995) afirma que a gravidez se torna uma preparação de um processo estendido na maternidade. Muitas vezes a relação da mãe com o filho inicia-se antes do parto, pois essa relação associa com o modo como a mulher estabelece a sua relação consigo mesma e com seu filho, criação dela. Para autora, o processo de gravidez está totalmente integrado à mulher que vivencia, de sua atitude e consciência. Toda a maternidade, sentimento ou instinto materno age naturalmente para os filhos, porque são ações instintivas. No entanto, a autora enfatiza que se a atitude materna permanecer totalmente em uma atitude instintiva, a mãe não consegue alcançar um desenvolvimento psicológico real nessa sua relação com o filho. Por fim, a autora finaliza que a gravidez pode ser uma aventura psicológica profunda, pois poderá sentir sua identidade com a imagem arquetípica da mãe criativa. O que constitui sua individualidade de mulher por meio da realização de um papel coletivo.

Diante dessa perspectiva, notamos que o processo de gravidez possibilita a mulher vivenciar momentos de grande significado psicológico no seu desenvolvimento pessoal. Esse crescimento psicológico perpassa por muitas transformações que se percebe desde o momento em que interage com o filho, tanto no aspecto biológico quanto psicológico. Com esse contato físico e emocional que vem amadurecendo ao longo percurso dos nove meses de gestação entre mãe e filho, ocorre as influências da história de vida pessoal da mulher que será mãe e da conscientização do entendimento a respeito da maternidade.

Cabe enfatizar que o contato da mulher com a maternidade, de maneira instintiva, do ponto de vista junguiano, estará diante de uma manifestação do arquétipo materno. Esse arquétipo será constelado a partir do momento em que a mulher constitui biologicamente a concepção de um filho. A partir desse momento, a mulher começa a integrar novas experiências que ocorrem durante a gestação e, por sua vez, essa convivência integrará na sua pré-disposição de ser mãe. Nesse caso, a mulher estará sob influência do seu arquétipo materno o qual manifestará por meio das imagens arquetípicas da maternidade que surgirão

no campo da sua consciência. Essas imagens estarão atreladas à história de vida pessoal dessa gestante e nesse momento em que o papel do psicólogo se tornará fundamental para que esta futura mãe consiga superar suas dificuldades emocionais.

No que tange ao arquétipo materno, Jung (2007a, § 156-160) afirma que esse arquétipo está presente em toda humanidade e manifesta-se em algumas características de maternidade: mãe e avó; madrasta e a sogra; e qualquer mulher com quem nos relacionamos de maneira cuidadora. Além dessas imagens que projetam o arquétipo, há também figuras mitológicas e culturais que expressam a manifestação arquetípica da maternidade, tais como a deusa, a mãe de Deus, a Virgem, dentre outras. Com base nesses símbolos, o autor enfatiza que todos eles podem ter um sentido positivo ou negativo. Logo, a figura materna pode ter um sentido positivo tendo a imagem de uma mãe bondosa ou cuidadora; enquanto, no sentido negativo, terá uma imagem materna de uma mãe bruxa ou destruidora. Por fim, o autor aponta que esses dois sentidos consistem como atributos do arquétipo materno em que se diferenciarão a partir da experiência prática individual de cada história de vida pessoal.

Diante dessa afirmação conceitual, a respeito do arquétipo materno exposto por Jung, notamos ao acompanhar histórias de adolescentes que vivenciam o tempo da gravidez que muitas dessas jovens projetam em seus filhos sua experiência de maternidade que desenvolveram na relação com as mães delas. No entanto, além da vida pessoal dessas mulheres com suas mães, há também as projeções arquetípicas da maternidade como uma pré-disposição presente na estrutura psíquica adquirida desde os povos primitivos. Sendo assim, muitas jovens que vivenciam a maternidade, mesmo não sabendo como conduzir esse período de cuidado tão importante com o filho, terão capacidade inata vinda do arquétipo para desempenhar sua função materna. Mesmo que tenha tido uma experiência desagradável com sua mãe durante a infância até a idade atual.

Conforme afirma Jung (vol. 2007a, §159):

[...] não é apenas da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura, mas é muito mais o arquétipo projetado na mãe que outorga à mesma um caráter mitológico e com isso lhe confere autoridade e até mesmo numinosidade.

Ao considerar, portanto, a vivência da maternidade na vida da adolescente como uma forma de expressão da sua história pessoal associada às potencialidades da maternidade que constituem o arquétipo materno, estaremos diante de um complexo materno no qual a jovem poderá acarretar tanto um reforço dos instintos femininos quanto a debilitação e inibição desses instintos. No que se refere ao reforçamento dos instintos maternos, ocorre um predomínio maior do mundo instintivo, resultando em uma inconsciência da personalidade da mulher. Enquanto, a debilitação e inibição dos instintos acabam desenvolvendo uma projeção do instinto sobre a imagem da mãe que a adolescente constitui nas suas primeiras experiências com a maternidade. Consequentemente, esta adolescente manifestará uma gravidez desejada ou indesejada (GALLBACH, 1995).

Para obtermos maior esclarecimento como esse complexo materno pode manifestar-se de vários tipos e compreendermos a diferença individual de atitude em relação à gravidez e à maternidade, Jung (2007b, §167-171) descreve quatro tipos de complexo materno que expressam formas diferenciadas que as mulheres manifestam quando estão influenciadas

por este arquétipo materno: *hipertrofia do materno*; *exaltação do eros*; *identificação com a mãe*; *defesa contra mãe*.

No que se refere ao primeiro, *hipertrofia do materno*, Jung (2007b, §167) afirma que o complexo materno na filha gera uma exacerbação do feminino na qual tem intensificação dos instintos femininos, sobretudo do instinto materno. O homem para ela é visto como algo secundário, visto apenas como instrumento de procriação e nada mais do que isso. A personalidade dessa mulher fica como segundo plano, o que prioriza é a forma como ela vive em função dos outros e através dos outros, na medida em que ela se identifica com eles. Sendo assim, após o nascimento dos filhos, ela se apega demais a eles chegando a permitir que seu instinto materno se imponha com um poder imenso que acarreta a aniquilação da vida e personalidade dos filhos (GALLBACH,1995).

Por outro lado, a *exaltação do eros*, Jung (2007c, §168) aponta que ocorre na filha uma extinção total desse instinto materno gerando uma exacerbação do eros que pode levar a quase uma relação incestuosa com o pai. O fato da filha ter ciúmes da mãe e a necessidade de superá-la são motivos suficientes de empreendimentos futuros desastrosos. Mulheres desse tipo têm costume de buscar relacionamentos sensacionais por homens casados, não por eles, mas para perturbar uma relação estabelecida e que manifesta o instinto materno nessa relação do homem casado. Por fim, o eros fica direcionado a um homem que deve ser retirado do predomínio do materno-feminino. O que provocará um conflito dos afetos e emoções que são fonte de toda transformação da consciência da mulher (GALLBACH,1995).

Em relação à *identificação com a mãe*, Jung (2007d, §169) advoga que nesse tipo de complexo há uma paralisação do instinto materno e do eros, bem como da projeção da filha sobre a mãe, o que gera dependência e submissão a esta última provocando sentimentos de inferioridade na filha. Uma mulher desse tipo pode tornar-se uma tirana com sua mãe e nos relacionamentos com os homens poderá ser uma esposa abnegada, pois ela precisa ser retirada da mãe (GALLBACH,1995).

Por último, a *defesa contra mãe*, Jung (2007e, §170-171) afirma que nesse tipo de complexo se manifestará na forma de uma resistência contra a predominância da mãe. Observa-se que a mulher tem um fascínio pela mãe, porém nunca ao ponto de identificar-se com ela; e por outro lado, há um aumento do eros que limita-se na resistência ciumenta contra a mãe. Uma mulher sob a influência desse tipo de complexo, ela demonstra em saber o que não quer, mas tem dificuldades em saber o que deseja. A sexualidade, casamento e filhos não desejados serão sempre carregados de dificuldades inesperadas, pois para essa mulher o que importa é a defesa contra a mãe em todas maneiras, tanto nos deveres maternos quanto na vida conjugal. Logo, todas essas necessidades citadas anteriormente receberão a projeção dessa defesa contra a mãe. No caso da gravidez, a mulher poderá demonstra essa resistência contra a mãe com as dificuldades no útero como, por exemplo, hemorragias durante a gravidez; dificuldade de concepção; parto prematuro ou até mesmo horror à gravidez (GALLBACH,1995).

Diante de tudo que foi exposto até o momento, podemos salientar que o período da gravidez, de modo geral, perpassa por muitas mudanças tanto biológicas quanto psicológicas. Essas mudanças muitas vezes estão baseadas na história de vida de cada indivíduo, sobretudo na mulher que vivencia a gravidez. No caso da adolescente não será

diferente, pois ela vive um período de transição da sua vida que consiste entre a fase da infância com a fase adulta e, por conta desse período, que uma gravidez desejada ou indesejada estará sendo influenciada e agregada no seu complexo materno, conforme observamos no pensamento de Carl Gustav Jung.

Cabe ressaltar ainda que perante essas transformações da adolescente vivenciadas durante a gravidez, sobretudo no aspecto psicológico, vem demonstrar nas atitudes de desejar ou não a gravidez pode estar associada a aspectos sombrios, do ponto de vista junguiano. Entendemos que a sombra, segundo Jung (2000, §13-19), é uma problematização de ordem moral que enfrenta a personalidade do eu, pois uma vez que conscientiza a sombra aspectos obscuros da personalidade são reconhecidos, conforme existem na realidade. Por isso, que o autoconhecimento é um expediente terapêutico que acarreta um trabalho árduo, podendo ser realizado em longo prazo.

Com base conceitual da sombra, podemos notar que a manifestação da adolescente diante de uma gravidez indesejada parece estar diante de um aspecto da sombra dessa jovem. Ao escutarmos depoimentos de jovens que rejeitam seus filhos ou o próprio estado de estar grávida nos deparamos, no primeiro momento, de um forte complexo que provavelmente esteja associado à maternidade, e, segundo momento, poderemos encontrar outros elementos que constituem como elementos obscuros da personalidade da jovem que, por sua vez, encontrará possíveis ajustamentos emocionais se aderir a um acompanhamento psicoterapêutico.

Enfim, todas essas maiores transformações acontecem nos aspectos físicos e psicológicos, que se misturam e crescem a cada semana gestacional. Por ser um período rico e intenso de vivências emocionais e que por si só traz, para o relacionamento familiar, novas atitudes e responsabilidades, percebemos como é fundamental compartilhar e esclarecer questões referentes às ansiedades e preocupações que envolvem a responsabilidade de se ter um filho.

Tendo por base essas premissas, pensamos então, na elaboração e concretização de um grupo focal, atendendo aos requisitos do cumprimento da disciplina de Estágio Básico I, oferecido para estudantes de Psicologia, do 5º período noturno da Faculdade Multivix Vitória, no intuito de compreender o que pensam acerca do tema gravidez na adolescência, desde a notícia aos aspectos de reestruturação familiar.

O presente estudo tem como objetivo compreender como os alunos do curso de Psicologia pensam a respeito sobre gravidez na adolescência desde a notícia (in)desejada aos aspectos da nova estruturação familiar.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A metodologia adotada será a técnica de Grupo Focal, entendendo que para Morgan (1997) grupos focais são técnicas de pesquisa qualitativa, derivadas das entrevistas grupais, que coletam informações por meio das interações grupais. Tendo por objetivo reunir informações detalhadas sobre o tópico específico do presente trabalho, sendo ele gravidez na adolescência, buscando colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre o tema, sendo feito dentro de sala de aula, com 50

participantes, em que os participantes estarão dispostos em cadeiras arrumadas em forma circular, com uma variação de tempo entre 90 minutos (tempo mínimo) e 110 minutos (tempo máximo).

Convidaremos voluntariamente os 50 alunos para participarem diretamente das perguntas do processo de intervenção. Em interação direta com os participantes, haverá 8 moderadores (Integrantes do grupo de Estágio Básico I) que terão a tarefa de condução do grupo focal, introduzindo a discussão, incentivando a participação de todos, evitando que um ou outro tenha predomínio sobre os demais, e conduzindo a discussão de modo que esta se mantenha dentro dos tópicos de interesse.

Os moderadores se basearão no seguinte roteiro de questões abertas:

- O que você pensa sobre gravidez na adolescência?
- Como é visto o papel da adolescente antes, durante e depois da gravidez?
- Como você atuaria, enquanto estudante de Psicologia, com adolescentes grávidas?

Antes das questões abertas, promoveremos discussões e reflexões acerca do tema, sensibilizando os presentes através da dinâmica do varal, que trará imagens e objetos que reportam o tema, isso se refere ao quebra-gelo. (Tabela 1).

**Tabela 1: cronograma de atividades a serem realizadas em grupo.**

<b>CRONOGRAMA DE ATIVIDADES</b>			
	<b>Atividade</b>	<b>Por que fazer</b>	<b>Material</b>
<b>1º</b>	Quebra Gelo (Varal)	Proporcionar sensibilização nos alunos e Introduzir o tema "Gravidez na Adolescência" dentro de sala.	Varal com constituição de figuras, objetos e músicas que reportem a infância e a gravidez. O material utilizado será uma caixa de som, um data show, objetos de bebê e fotografias.
<b>2º</b>	Realização do grupo focal	Apreender a percepção dos alunos a respeito do tema gravidez na adolescência e proporcionar um espaço no qual todos os estudantes tenham direito e liberdade de falar o que realmente pensam sobre o tema.	Um número de 60 cadeiras dispostas de maneira circular, uma mesa com café para os participantes e um roteiro semiaberto com três perguntas sobre o tema.
<b>3º</b>	Finalização	Coletar e analisar dados sobre as diferentes percepções e opiniões em relação ao tema gravidez na adolescência.	Vídeo sobre o documentário "Meninas" e devolutiva dos moderadores em relação ao que perceberam através deste método de pesquisa.

## **RESULTADOS**

O trabalho iniciou-se com uma técnica de quebra-gelo, em que foi feito um varal com imagens e objetos que remetem à gravidez e adolescência. Dessa forma, os participantes poderiam observá-lo com o intuito de sensibilizar o grupo a respeito do tema, para fomentar a discussão. A metodologia adotada foi a técnica de Grupo Focal, entendendo que para Morgan (1997) grupos focais são técnicas de pesquisa qualitativa, derivadas das entrevistas grupais, que coletam informações por meio das interações grupais. Teve por objetivo reunir

informações detalhadas sobre o tópico específico do presente trabalho, sendo ele gravidez na adolescência, buscando colher informações que puderam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre o tema, sendo feito dentro de sala de aula, com 52 participantes, em que os participantes estavam dispostos em cadeiras arrumadas em forma circular, com uma variação de tempo entre 90 minutos e 110 minutos.

Foi explicitado por um dos moderadores sobre a condução do grupo, sendo falado que todos poderiam falar livremente o que pensavam sobre o tema, que não existiam respostas certas ou erradas e que se constituiria por 3 perguntas de respostas abertas com o objetivo de coletar dados a respeito do projeto.

Intervenção – Gravidez na Adolescência

### **1º MOMENTO: QUEBRA GELO**

---

Foi possível perceber que cada pessoa reagiu de maneira singular no momento em que se deparou com as fotos no varal e com o coffee break. Porém, houve uma reação que foi comum a todos: A expressão de espanto positivo ao deparar-se com as imagens no varal e o cuidado manifestado com o coffee break cedido pelo grupo, tendo o objetivo de promover o envolvimento dos participantes. As expressões faciais diziam mais do que palavras. Frases como essa foram ditas: “Nossa, que lindo, deu até vontade de engravidar” – disse uma aluna ao focar as imagens. “Ai que fofo, gente... que demonstração de cuidado” – expressou outra aluna.

A música agiu de maneira complementar nesse processo de sensibilização, que antecede a intervenção propriamente dita.

Um dos moderadores solicitou que todos se levantassem para abraçarem-se.

### **GRUPO FOCAL**

Foram feitas as seguintes perguntas:

#### **1) O que você pensa sobre gravidez na adolescência?**

A gravidez foi colocada na perspectiva de um problema de saúde pública, por algumas pessoas; não houve consenso.

Outras pessoas fizeram um paralelo sócio-histórico, posicionando o fenômeno *gravidez na adolescência* numa outra esfera. Nessa perspectiva, o fenômeno não nasceu pronto, mas foi construído com o passar do tempo; com as mudanças que se desencadearam na cultura, princípios, modo de ser, entre outros, no seio da sociedade – nesse caso, a sociedade brasileira.

Com o advento da saúde começou-se a se preocupar com esse fenômeno. No passado – mais ou menos 50 anos atrás -, era comum as pessoas se casarem cedo (entre 12 a 18 anos de idade). Contudo, com o passar dos anos e as mudanças sociais, culturais e de saúde, houve alterações nessa perspectiva. A gravidez na adolescência passou a ser um problema de saúde pública: Conforme os autores Júnior e Neto: “A gravidez na

adolescência é um problema de saúde pública de caráter social, que necessita a implementação de políticas públicas saudáveis para sua redução e melhoria da qualidade de vida das adolescentes.”.

Além disso, tivemos outros posicionamentos, tais como:

*“Falta informação e controle de natalidade, uma vez que informação não é conhecimento. Não adianta ter tanta informação, se as pessoas não sabem convertê-la em conhecimento. Mudanças profundas somente acontecerão se isso acontecer. Enquanto as pessoas (principalmente as adolescentes) não se conscientizarem sobre as consequências – em todas as áreas da vida pessoa e social – que a gravidez na adolescência desencadeia, nada ou pouco irá avançar em relação a esse fenômeno.” (Aluno 1)*

*“Penso que a visão em relação a um tema tão complexo e amplo, não pode ser visto numa perspectiva única e inflexível, mas deve-se ser visto numa visão multifocal. Esse fenômeno não deve ser colocado dentro de uma caixinha e ponto. É essencial fazer um deslocamento e deixar de naturalizar ou sentenciar, para fazer uma análise mais ampla, antes de qualquer coisa deve-se fazer um processo minucioso de investigação no contexto da adolescente em questão – esse deve ser o ponto de partida.”. (Aluno 2)*

*“Não se deve culpabilizar “esse ou aquele”, pois isso não mudará nada, contudo acentuará ainda mais o problema. A gravidez na adolescência é uma tragédia pessoal e social e também financeira – claro, quando “indesejada” e quando a mãe não tem os meios para subsistência. Como já foi dito: esse é um fenômeno complexo e com muitas variáveis, portanto, deve-se se analisado com muita cautela, cuidado e amplitude. Perguntas como essa devem ser feitas, ao invés de se preocupar os culpados, em minha opinião: Quem está errado - o governo, os pais ou adolescente? Quem é (ou são) o culpado (s)? Será que a gravidez na adolescência é sempre “indesejada”? Qual a razão maior de uma adolescente querer engravidar?” (Aluna 3)*

*“Quero lançar duas perguntas: Informação é conhecimento? Há muita informação, mas por que há tantas adolescentes grávidas?”. (Aluno 4)*

*“Bem, a crise chegou lá em casa, não tinha dinheiro para comprar anticoncepcional... não tinha outra opção.” (adolescente 1) Eu precisava de cuidado e de comida, portanto, eu engravidei, e consegui.” (adolescente 2)(Aluno 5)*

*“Pensem comigo: A gravidez na adolescência não é desejada ou não foi programada? Se ela não foi desejada, então a vida que virá a existência também não será. Em minha opinião, devemos ponderar o que dizemos; e sempre ter em mente que a um ser humano vitimizado e uma vida que está vindo à existência que nada tem haver com o “erro” de quem a gerou.”. (Aluno 6)*

## **2) Como é visto o papel da adolescente antes, durante e depois da gravidez?**

*“Ela é uma criança grande. É uma criança cuidando de outra criança.” (Aluno 1)*

*“No que se refere ao pessoal e o social, muitas modificações se desencadearão na vida dela, pois diversas transformações – biológica, psíquica e afetiva – irão acontecer.” (Aluno 2)*

*“Acredito que se não houver um processo interventivo (seja do pai, mãe, outros) com a adolescente, o papel – seja antes, durante ou depois – dela pouco mudará. É algo delicado, pois envolve muitas variáveis e a singularidade do sujeito.”. (Aluna 3)*

*“Sobre o papel dela eu pouco posso lhe dizer, mas posso lhe dizer uma das principais causas do “querer engravidar na adolescência”. Aqui segue: “Eu quis engravidar, pois nunca tinha me sentido amada, portanto, queria amar alguém” (frase de uma adolescente mãe). Para essa menina, que recebera pouco afeto durante sua vida, ter um filho é uma tábua de salvação. Seria justo julgá-la?”. (Aluna 4)*

*“O papel dela pode mudar como também pode pouco ou nada mudar. Isso vai depender tanto da estrutura da personalidade dela, das pessoas que estão a sua volta e das políticas públicas voltada para a adolescente grávida. Para mim, esse fenômeno é de cunho social, afetivo, familiar, cultural e psicológico, portanto, como já foi dito, deve ser tratado e analisado com muito cuidado, antes de qualquer palavra ou intervenção. Penso que o papel delas (das adolescentes) não se processa por uma vida única e nem só de uma forma, deve-se ampliar a visão para não restringir a ação. Antes de querer saber o papel dela, é essencial se perguntar: Qual o impacto que a gravidez na adolescência traz para a adolescente em questão? Na visão dela isso é uma tragédia ou uma dádiva existencial?”. (Aluno 6)*

*“Pouco posso falar sobre o papel, mas posso dizer algo que ajuda a construir esse papel: O poder da mídia. A mídia compra e vende o medo, e não o bom senso. A banalização do sexo contribui grandemente para a banalização da adolescência e da vida. Sem querer ser moralista ou fundamentalista, em nosso tempo o sexo é visto com simples e puramente como um objeto de satisfação, e não como uma dádiva, um presente. Um presente que deve ser cuidado, honrado e amado, com sabedoria e sensatez. Não vou me delongar e nem tentar explicar a minha frase, pois acredito que todos vocês têm a capacidade de refletir e tirar suas próprias conclusões. Obrigado por me permitir contribuir com a discussão.” (Aluno 7)*

### **3) Como você atuaria, enquanto estudante de Psicologia, com adolescentes grávidas?**

A proposta dessa pergunta era levantar argumentações, opiniões e/ou conceitos sobre como os acadêmicos de psicologia agiriam em casos que envolvessem grávidas adolescentes. Porém, ao questionarmos o grupo perante essa conduta, houve percepções e escutas diferenciadas ao refletirem sobre o que fariam diante de tal situação. Em um primeiro momento houve certo receio em falar sobre possíveis intervenções, talvez pelo fato de nunca terem entrado em contato com o tema em questão. Porém, em um segundo momento, conseguiram pensar sobre como agiriam diante da situação, a partir das vivências e experiências que já tiveram com o assunto, sendo elas dentro ou fora de sala de aula.

Dessa forma, os alunos tiveram os seguintes posicionamentos:

*“Antes de qualquer coisa, eu perguntaria a ela o seguinte: O que essa gravidez significa para você? Como você se vê, agora que é mãe? Como é o lugar (lê-se contexto) em que*

você vive? Como é a relação com sua família depois de sua gravidez? Só depois de ter essas perguntas bem respondidas, eu começaria a intervir”. **(Aluno 1)**

“Primeiramente, eu começaria a conversar com ela, objetivando estabelecer um ambiente propício para começar a intervenção. É necessário que a adolescente confie em mim, senão a intervenção não acontecerá. Após isso, eu preciso me isolar da situação, por em um caixa todos os meus pressupostos e preconceito, para que eu possa escutá-la sem julgá-la. Olhar sempre o ser humano que está a minha frente; dividir com ela o momento que ela está passando. Em suma, sair da posição de Senhor do Saber, para colocar-me somente como um ser humano disposto a ouvi-la. Assim que ela permitir-me fazer parte da história dela, eu poderei ajudá-la”. **(Aluna 2)**

“O psicólogo é um espelho, portanto, ele deve espelhar coisas boas, confiança, entusiasmos, etc. Tendo sempre em mente que ele também se constrói no processo terapêutico – ele ajuda e é ajudado. Ele deve sair da posição de senhor do suposto saber, e com humildade conduzir o processo terapêutico. Digo isso, pois se não houver uma relação de interdependência, confiança e empatia, o tratamento psicoterápico não acontece. Ou em outras palavras, não se consegue ajudar o paciente a ampliar sua consciência e vencer seus desafios, sejam eles externos ou internos.”. **(Aluna 3)**

“Eu começaria fazendo estas três perguntas: Quem você foi? Quem você é? O que você deseja ser? Você ver sentido para sua vida? A partir das respostas poderei conduzir o processo terapêutico com maior segurança e eficácia. É preciso ter em mente que deve-se escutar bem as respostas, e não somente ouvi-las. Ouvir não é escutar. Escutar é ser atencioso e detalhista; é conduzir o processo terapêutico a luz de um método sistematizado e claro... e estando consciente que passado, presente e futuro são interligados, não há divisão. O sujeito deve ser analisado de maneira holística”. **(Aluno 4)**

## DISCUSSÃO

Encontramos no discurso dos alunos aspectos psicológicos que puderam ser identificados por meio das perguntas discutidas no grupo focal. Tais aspectos serão retomados neste momento afim de se compreenderem por meio do referencial teórico da Psicologia Analítica.

No caso da primeira pergunta, encontramos nas respostas dos **Alunos 1, 2, 3 e 4** a importância da conscientização do conhecimento a respeito da maternidade para a jovem grávida bem como compreender o contexto da história de vida pessoal dessa jovem que vivencia fortes mudanças em si mesma. Com base na resposta destes alunos nos remete a confirmação do que a autora Gallbach (1995) apontou de que o processo de gravidez está totalmente integrado a vivência, atitude e conscientização da mulher. A autora ainda enfatiza que caso a atitude materna venha permanecer apenas em uma atitude instintiva, a mãe não alcançará um desenvolvimento psicológico real na relação com o filho.

Considerando ainda na primeira pergunta, identificamos na resposta do **Aluno 5**, na expressão da adolescente citada por ele, a manifestação de um tipo de complexo materno considerado como a *Identificação com a mãe*, pois, uma vez que a jovem comenta da

necessidade de ser cuidada e alimentada, ela demonstra um posicionamento de desamparo que se expressa no sentimento de inferioridade, conforme foi mostrado por Jung (2007d, §169) e Gallbach (1995).

Por último, na primeira pergunta, destacamos a resposta do **Aluno 6** que enfatiza a gravidez indesejada na qual a criança não receberá afeto e nem amor. Diante dessa situação, que corresponde à realidade de muitas jovens pode corresponder à manifestação de outro tipo de complexo materno identificado por Jung (2007e, §170-171), *defesa contra a mãe*, a filha terá irritabilidade e impaciência ou insatisfação em tudo que se refere à maternidade e por isso não aceitando a gravidez. Por outro lado, nessa resposta podemos ainda observar a possibilidade de uma jovem ter sido violentada por um estupro, por exemplo, nesse caso estaremos diante de um aspecto sombrio na sua história de vida pessoal que, por sua vez, será projetado no filho. Logo, o filho será a projeção da sombra da mãe. Conforme citamos a respeito do conceito da sombra, segundo Jung (2000, § 13-19).

Na segunda pergunta, identificamos nas respostas dos **Alunos 2, 3, 4 e 6** a valorização da construção histórica da vida da adolescente para analisar o significado da gravidez para ela. Com base nesse valor da análise histórica da vida dessa jovem nos deparamos com aspectos obscuros da personalidade que podem ser vistos com maior clareza, sobretudo, nas respostas dos **Alunos 4 e 6**, constituindo, por fim, conforme citado por Jung (2000, § 13-19), sombra.

Cabe enfatizar ainda na segunda pergunta a resposta do **Aluno 7** que aborda o sexo sendo visto como um objeto de satisfação principal. No âmbito da gravidez na adolescência, podemos observar se uma jovem que se tornou grávida como consequência das suas aventuras sexuais sem estar associado a qualquer instinto materno, dependendo do seu contexto histórico de vida pessoal, poderá ser visto como a manifestação de outro tipo de complexo materno proposto por Jung (2007c, §168), *Exaltação do eros*, em que a mulher desse tipo de complexo fica muito vulnerável às relações apaixonadas e sensacionais por elas mesmas. Seu objetivo principal é somente a satisfação erótica pessoal sem estar associado a qualquer instinto materno.

Por fim, na terceira e última pergunta, observamos em todas as respostas dos alunos participantes que a pessoa do terapeuta descrita parece assumir a projeção da figura materna positiva, ou seja, o complexo materno positivo, conforme citado por Jung (vol. IX/1, § 156-160). Tal figura positiva consiste em expressar a maternidade por meio de atitudes de bondade, de cuidado, daquela pessoa que sustenta, que colabora no crescimento do outro, e, por fim, aquela que alimenta o outro na posição de filho. Na relação terapeuta e paciente, segundo a forma como os participantes responderam, demonstrou-se que o terapeuta assumiria uma postura dessa figura materna positiva como maneira de favorecer a confiança e aproximação no processo analítico.

## CONCLUSÃO

O principal objetivo desse grupo focal foi reunir informações detalhadas sobre o tópico específico, buscando colher informações que pudessem proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre o tema. Percebemos que houve por parte dos

acadêmicos de Psicologia um envolvimento e interesse para com o tema, no qual puderam expor relatos pessoais e de terceiros, ampliando suas percepções por meio da fala.

O trabalho nos indicou caminhos em rever o conceito de gravidez na adolescência não somente como uma experiência negativa, mas que após essa gestação é possível apresentar-se com um novo modelo de vida, de novas perspectivas. Percebeu-se também que a figura do Psicólogo na saúde tem um papel principal nesse processo baseado em melhoria das condições financeiras, de educação, perspectiva de vida, alfabetização e controle de natalidade para uma melhor qualidade de vida.

A maternidade começa no período da gestação em que a mulher vivencia desde já diversas transformações tanto no corpo quanto na psique. Essas mudanças a possibilitará reconhecer aspectos psicológicos que estarão associados ao seu instinto materno bem como a sua vida pessoal constituída também na relação entre a mãe e ela. Baseado nessa relação entre o instinto materno e a vida pessoal da jovem, o terapeuta, sobretudo na perspectiva junguiana, poderá observar o desenvolvimento e a manifestação do complexo materno contextualizado na vida daquela adolescente.

No que se refere aos acadêmicos da graduação em Psicologia, foi possível observar que a partir desses quatro tipos de complexo materno poderão ajudá-los a identificar minuciosamente as causas que acarretaram essa gravidez ter sido desejada ou não, afim de encorajar a jovem de superar suas dificuldades maternas.

Logo, o grupo objetivou com a metodologia do Grupo Focal, possibilitar aos estudantes aproximarem-se de suas crenças, valores, percepções e conhecimentos, proporcionando assim, a partir de suas falas, buscar uma mudança e/ou compreensão de si e do grupo, com o intuito de potencializar a quebra do imaginário social, viabilizando a promoção de outro olhar sobre a conduta do psicólogo, a problematização da nova estrutura familiar e as perspectivas para essa adolescente mãe.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, PH. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro. Zahar, 3ª edição, 1978.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CAVASIN, Sylvia; ARRUDA, Silvani. Silvani Arruda: Desejo Ou Subversão?. **Prevenir É Sempre Melhor**, São Paulo, n. 2, p.40-62, 1999. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/156\\_04PGM2.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/156_04PGM2.pdf)> Acesso em: 17 mai. 2015.

DADOORIAN, Diana. **Gravidez na adolescência: um novo olhar**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 23, n. 1, p. 84-91, Mar. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932003000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100012&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 17 mai. 2015.

FERREIRA, A.B. H. **Novo Dicionário (Aurélio) da Língua Portuguesa**. 1ª ed. 15ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GALLBACH, Marion Raushcer. **Sonhos e gravidez: iniciação à criatividade feminina**. Coleção Amor e Psique. São Paulo: Paulus, 1995.

**GRAVIDEZ na adolescência: Contextualização sócio-histórica do tema.** Puc-Rio, Rio de Janeiro, p.14-29, 23 fev. 2012. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912441\\_2011\\_cap\\_2.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912441_2011_cap_2.pdf)> Acesso em: 17 mai. 2015.

**Grupo Para Adolescentes Gestantes: Quebrando ciclos transgeracionais de violência e gravidez precoce.** Acer Brasil: Desenvolvimento humano e comunitário, Diadema, p.1-3, 10 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.acerbrasil.org.br/arquivos/stpauls/stpauls3.pdf>> Acesso em: 17 mai. 2015.

GUANABENS, Marcella Furst Gonçalves et al. Gravidez na adolescência: um desafio à promoção da saúde integral do adolescente. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, supl. 2, p. 20-24, Mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022012000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000300004&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 17 mai. 2015.

JUNG, C. G. A sombra. **Obras Completas de C. G. Jung. Volume IX/2: Aion – estudos sobre o simbolismo do si-mesmo.** Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, O.S.B; revisão técnica de Jette Bonaventure. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. A importância do inconsciente para a educação individual. **Obras Completas de C. G. Jung. Volume XVII: O desenvolvimento da personalidade.** Tradução de Frei Valdemar do Amaral; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. O arquétipo materno. **Obras Completas de C. G. Jung. Volume IX/1: Os arquétipos e o Inconsciente coletivo.** Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007a.

\_\_\_\_\_. A hipertrofia do aspecto maternal. **Obras Completas de C. G. Jung. Volume IX/1: Os arquétipos e o Inconsciente coletivo.** Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007b.

\_\_\_\_\_. Exacerbação do eros. **Obras Completas de C. G. Jung. Volume IX/1: Os arquétipos e o Inconsciente coletivo.** Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007c.

\_\_\_\_\_. Identificação com a mãe. **Obras Completas de C. G. Jung. Volume IX/1: Os arquétipos e o Inconsciente coletivo.** Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007d.

\_\_\_\_\_. Defesa contra a mãe. **Obras Completas de C. G. Jung. Volume IX/1: Os arquétipos e o Inconsciente coletivo.** Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007e.

MANFRÉ, Camila Cristina; QUEIRÓZ, Sara Gomes de; MATTHES, Ângelo do Carmo Silva. Considerações atuais sobre gravidez na adolescência. **R. Bras. Med. Fam. e Comun.**, Florianópolis, v. 5, n. 17, p.48-54, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.rbmf.org.br/rbmfc/article/viewFile/205/155>> Acesso em: 17 mai. 2015.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitativere search.** London: Sage, 1997

TEIXEIRA, Samia da Costa Ribeiro. **Gravidez na adolescência: perspectiva de um novo rearranjo familiar.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, UESB, Jequié, BA, 2013. 192p. Disponível em:

<<http://www.uesb.br/ppgenfsaude/dissertacoes/turma3/SAMIA%20DA%20COSTA%20RIBEIRO%20TEIXEIRA.pdf>> Acesso em: 17 mai. 2015.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 17 mai. 2015.

Zaganelli FL, Ferreira RA, Lamounier JA, Colosimo EA, Santos ASM, Zaganelli FL. Gravidez da adolescente em hospital universitário no Espírito Santo, Brasil: aspectos da gestação, parto e repercussões sobre o recém-nascido. **AdolescSaude**. 2013; 10(1):7-16. Disponível em: <<file:///C:/Users/rapha/Downloads/v10n1a02.pdf>> Acesso em: 17 mai. 2015.

WHO (World Health Organization). Trabalhando juntos pela saúde. **Relatório Mundial de saúde**, 2006. Disponível em: <[http://www.who.int/whr/2006/06\\_overview\\_pr.pdf](http://www.who.int/whr/2006/06_overview_pr.pdf)> Acesso em: 17 mai. 2015.